

APONTAMENTOS PARA UMA PSICANÁLISE ESTÉTICA

MARCOS PIPPI DE MEDEIROS*

O presente artigo visa discutir as relações da psicanálise com o paradigma científico dominante, procurando analisar alguns paradoxos produzidos nessa aproximação. Para tanto, sob a luz dos conceitos de transferência e interpretação, procuraremos problematizar o estatuto de verdade das ciências, seu projeto de sujeito, elaborando alguns apontamentos para uma psicanálise estética. Esta proposta foi constituindo-se a partir de um interesse particular em investigar as relações da psicanálise com o discurso dominante da ciência, compreendendo que, nessa tentativa de filiação, a psicanálise acabou por adotar, em seu corpo teórico, noções bastante contraditórias com aquilo que inicialmente constituiu a sua grande ruptura com o projeto de sujeito postulado pela ciência moderna. Essas formulações foram sendo construídas através de uma tentativa de identificar esses elementos na obra freudiana, em um primeiro momento, procurando discutir a tentativa por Freud de aproximar a psicanálise da “visão de universo” científica e os descentramentos produzidos pela psicanálise em relação a essa mesma visão.

* Psicólogo e professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (UNIFRA).

INTRODUÇÃO

Inúmeras problemáticas apresentam-se no momento de situar a psicanálise no conjunto dos saberes constituídos no discurso psicológico. A própria psicanálise, enquanto saber, possui particularidades de difícil organização em um ramo de saber constituído (seja ele especulativo ou formal/científico), particularidades que se iniciam em sua forma de transmissão: não obedecendo à lógica dos saberes que se supõem possíveis de um ensino literal e mais ou menos passíveis de reprodução. Essa problemática evidencia uma desconformidade, cuja principal característica é produzir relações paradoxais entre aquilo que é produzido pela experiência psicanalítica e o projeto das ciências.

Creemos que seja necessário começar esta discussão, indagando não a questão propriamente da cientificidade da psicanálise, e sim como a psicanálise vem a relacionar-se com o discurso científico. O que se impõe, nesse sentido, é a necessidade de explicitarmos os pressupostos que constituem o paradigma de cientificidade: sua concepção de sujeito e, sobretudo, sua relação com a verdade. Outra questão pertinente, nesse sentido, é que, no momento em que afirmamos a presença dessa relação paradoxal entre a psicanálise e o discurso científico, torna-se necessário apontarmos para alguns atravessamentos que possam constituí-la para além deste discurso.

Sendo assim, procuraremos, além de provocar esta discussão com o campo das ciências, produzir alguns apontamentos, algumas aproximações entre a psicanálise e aquilo que poderíamos chamar de paradigma estético. Tomar a psicanálise a partir de um outro universo de referência denota não um capricho teórico, mas a possibilidade de operar a partir de um paradigma de criação, em que não mais a dimensão de universalidade conceitual prevalece e no qual todo o seu caráter de ruptura com procedimentos de adaptação e busca desesperada pela verdade se evidenciam; uma perspectiva que visa fomentar a discussão acerca das especificidades das práticas profissionais no campo “psi” e de uma concepção de saúde e de cura que tenha como referência a psicanálise. Neste sentido, o que privilegiamos é um movimento que aponte para uma psicanálise como um processo, cuja criação seria a de singularidade e é, neste intuito, que nos encaminhamos para esta discussão.

CIÊNCIA E ESTÉTICA

O paradigma de cientificidade operou sobre os campos de saber que se constituíram a partir da metade do séc XIX, de maneira a ser considerado como sinônimo de verdade, sob a qual todo saber deve estar subordinado para ser considerado válido, “o científico passa a ser sinônimo de

verdadeiro” (GALLO *apud* MARIGUELA, 1995). A psicologia, como campo de saber em construção, acaba por aliar-se a esse paradigma, modelando-se pelo caminho da ciência. Nasce a psicologia científica no laboratório de Wundt¹, tendo como referência o positivismo de Comte. Mesmo modelos que buscaram outros caminhos, apartando-se do método quantitativo (através do modelo qualitativo), se o fizeram, foi apenas como questionamento metodológico, permanecendo a crença, a aposta no modelo científico. Pois,

Mudar o instrumento de observação não muda a atitude do psicólogo frente à psique. Seja como metrificador do comportamento na busca das reações, seja como voyer da pessoa na busca das significações, o psicólogo segue sendo aquele que, de fora, observa ao outro e tenta compreendê-lo em sua individualidade, fazendo dele, portanto, seu objeto de pesquisa. E a psicologia segue à busca de sua legitimação no castelo da ciência. (GALLO *apud* MARIGUELA, 1995)

A psicologia acabou ao tomar um caminho referenciado, seja como for no modelo das ciências positivas, posicionando-se por muitas vezes em uma postura normatizadora e adaptacionista, um modelo referenciado na individuação e a serviço das exigências do desenvolvimento do capitalismo industrial:²

O desenvolvimento do capitalismo industrial e a urbanização vertiginosa das grandes cidades européias exigiam um saber para ordenar as relações entre os indivíduos produtivos. As práticas disciplinares, neste período, foram justificadas pelos saberes produzidos pelas ciências do homem, também chamadas de ciências do espírito. (MARIGUELA, 1995, p.17).

Nossa crítica, portanto, assume um viés que, ao buscar situar as condições em que se organizam os saberes psicológicos na referência do paradigma de cientificidade, acaba por nos levar a investigar também a cultura da qual esses saberes brotam. Assumir nesse sentido esta investigação nos parece uma possibilidade de revolver o solo desses saberes, para, então, poder situar o lugar da psicanálise nesta paisagem de contraditórios discursos, por tantas vezes tão desencontrados.

¹ Alemanha. Universidade de Leipzig, 1873.

² O indivíduo como construção subjetiva, neste sentido, está completamente referendado ao modelo da ciência moderna. "Para mim, os indivíduos são resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado. Freud foi o primeiro a mostrar até que ponto é precária essa noção da totalidade de um ego. A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo." (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p.31).

Figueiredo (1996) discute esses lugares da psicologia, enfatizando sua crítica pelo que denomina de epistemologia forte, diferenciando-a de uma proposta que visa avaliar a dimensão de uma ética das práticas e dos discursos psicológicos³. Segundo o autor, a cultura ocidental centrou sua preocupação, desde o séc. XVII até o séc. XX, com a produção e a validação do conhecimento. As questões de epistemologia e método tiveram consequências para o conjunto de nosso regime existencial. O declínio dos valores da tradição, das figuras de autoridade, como referências estáveis que, de alguma maneira, regulavam e apaziguavam a existência coletiva e as identidades, acabaram por produzir um território insuportável de obscuridade para o homem moderno. A solução surge com a promessa, a exigência de subjetividades calcadas na individuação e na exacerbação do caráter privativo das relações, como forma de estabelecer novamente critérios confiáveis, em uma cultura na qual a tradição já não se mostrava capaz de assegurar modos/possibilidades de existência seguros “- o capital da consciência reflexiva – marcou e acentuou uma crescente separação entre cada sujeito e os seus objetos de exame e cogitação e entre indivíduos e suas coletividades” (FIGUEIREDO, 1996, p.15). Na medida em que o homem moderno se confronta com a estranheza insegura do mundo, vai encontrar no método, no controle, na possibilidade do encontro de representações claras e distintas integradas a sistemas coesos, uma confiança:

dessa disciplina esperava-se uma espécie de ascese: ao método caberia a tarefa de expurgar de cada sujeito tudo aquilo que o tornasse suspeito, não confiável, irregular e idiossincrático de forma a constituir a partir desta exclusão uma subjetividade purificada e elevada (ou reduzida) ao exercício da razão e da experiência na sua invariância e na sua universalidade.(...) O sujeito epistêmico plenamente constituído deveria ser o sujeito plenamente consciente de si, coincidente consigo mesmo e senhor absoluto de sua consciência e de sua vontade, um sujeito qualificado para a função de fundamento autofundante dos sistemas representacionais e de assento seguro para o mundo das representações⁴. (FIGUEIREDO, 1996, p. 17)

³ Nesse sentido, "designo assim, uma epistemologia que tome a si a responsabilidade pela normatização e avaliação do conhecimento funcionando como uma espécie de rectora e juíza do conhecimento, que mereceria ser tomado como válido." (FIGUEIREDO, 1996, p.14)

⁴ Nessa perspectiva, "é preciso evocar aqui que o discurso neopositivista, que procurava diferenciar os enunciados científico e filosófico pela mediação da categoria de verificação, se constituiu justamente neste contexto histórico e na mesma Viena em que vivia Freud. Era o ideário neopositivista de ciência, forjado pelo Círculo de Viena, que o discurso freudiano tinha que prestar contas, para que a psicanálise pudesse ser reconhecida como uma ciência e não como filosofia". (BIRMAN, 2003, p. 53)

É a partir dessa construção disciplinar que o modelo científico dominante não só serviu como referência de verdade para os saberes constituídos nos séc. XIX e XX (inclui-se, nessa perspectiva, o projeto das ciências ditas humanas), como também estabeleceu os critérios de validação epistemológica. O projeto das epistemologias-legislativas ainda ocupa o espaço de ditar os caminhos de um conhecimento válido. E, embora possamos pensar na evidente crise de paradigma que esse projeto de sujeito epistêmico pleno atravessa,

no miolo desse mal-entendido, o que se passa em torno da psicanálise é paradigmático. Provavelmente, nenhum dos outros saberes contemporâneos expressou melhor e mais profundamente a falência do sujeito da modernidade com suas pretensões de autonomia, reflexibilidade e autocentramento.(...) **Não obstante, desde Freud até os dias de hoje, uma preocupação da psicanálise tem sido a de ser reconhecida como ciência diante de algum tribunal epistemológico**⁵. (FIGUEIREDO, 1996, p. 22)

Além do mais, aqui poderiam valer também as palavras desconcertantes de Jurandir Freire Costa (1989) em *Psicanálise e moral*: uma questão de vergonha:

não penso que a psicanálise possa situar-se no espaço extramundano das instâncias normativas a priori, para aí legislar sobre o que é falso ou verdadeiro, válido ou não válido, em matéria de conhecimento sobre os eventos humanos.(...) A imagem oracular do psicanalista falando do lugar da 'episteme', enquanto os demais mortais debatem-se nas sombras da 'doxa', não é só caduca, é derrisória. (p. 39-40).

Dessa maneira, o caminho apontado a uma avaliação possível de tais questões rumo a esteio de uma epistemologia fraca, definida pelo trabalho de elucidar as condições e os pressupostos implícitos das diferentes teorias. É neste sentido que, ao investigarmos acerca dos paradoxos entre psicanálise e ciência, acabamos não somente nos deparando com outros elementos que se atravessam para além do projeto científico, como também adentramos em um território ético, a partir do qual os elementos de uma estética tornam-se possíveis e, sobretudo, apontam para outros caminhos e perspectivas a teoria e a clínica psicanalíticas.

⁵ Grifo meu.

A primeira questão em que se interpõe um pressuposto paradoxal nessa relação se refere ao campo da experiência. A experiência psicanalítica parece não se moldar pelos pressupostos do projeto das ciências modernas. “A revolução científica moderna determinou um novo modo de pensar a experimentação: como via de acesso à elaboração do conhecimento verdadeiro.” (MARIGUELA, 1995, p.25). Assim, o sensível, rigorosamente atravessado pelo olhar racional, passa a ser o critério de toda a experiência válida, uma experiência em que passamos a crer. Crença no recorte de um objeto domesticado e mudo, a espera “paciente” do olhar de um cientista, à espreita, para arrancar-lhe sua essência natural. A experiência psicanalítica funda-se por um movimento em que, desde sua “invenção” por Freud (que soube escutar os movimentos de seu tempo, fazendo vibrar a voz da dor das histéricas diante da surdez do discurso médico e dos véus pesados do conforto religioso), contraditoriamente, buscou seu estatuto de cientificidade, ao mesmo tempo em que rompeu com sua forma de experimentação e, sobretudo, na crença do primado da consciência.

Todavia, sua posição ao lado da ciência será reafirmada em textos bastante posteriores em sua obra. Nas *Novas conferências*, quando formula “A questão de uma weltanschauung” (conferência XXXV, 1933[1932]), Freud nos oferece um de seus textos epistemológicos mais importantes. Nesse sentido, a pergunta central em sua exposição é se a psicanálise nos leva a alguma weltanschauung determinada e qual ela seria. Mas primeiramente é preciso que se determine do que se trata o termo weltanschauung, cuja tradução como uma visão do universo parece um tanto incompleta. Para Freud,

a weltanschauung é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo. Facilmente se compreenderá que a posse de uma weltanschauung desse tipo situa-se entre os desejos ideais dos seres humanos. (FREUD, 1933[1932], p.193.).

Nesse sentido, Freud é taxativo em dizer que a psicanálise é incapaz de construir para si uma weltanschauung. Sendo assim, ela tem de aceitar uma weltanschauung científica. Um aspecto interessante desse posicionamento, é que Freud considera que uma weltanschauung científica é, em si, uma contradição em termos, pois, se possui uma pretensão de constituir-se como uma visão uniforme do universo, isto se dá, na qualidade

de um projeto futuro. “Ademais, marcam-na características negativas, como o fato de se limitar àquilo que no momento presente é cognoscível e de rejeitar completamente determinados elementos que lhe são estranhos.” (FREUD, 1933[1932], p.194.). O que está em questão, para Freud, é a necessidade de rejeitar qualquer forma de conhecimento baseado na adivinhação, intuição e, sobretudo, na revelação. Por esse ângulo, a psicanálise teria um direito especial de compartilhar de uma *weltanschauung* científica, na medida em que teria estendido o campo da ciência à área mental, tornando, assim, a ciência mais completa.

Um aspecto importante a ser apontado é o fato de que, nesta passagem, Freud se vê implicado em dar sustentação para a psicanálise pela ‘ótica’ da ciência (que se constitui pelo projeto de um sujeito epistêmico pleno), com uma preocupação clara de contrapor com força a “visão de mundo” religiosa. Nesse intuito, a questão estética para Freud, sendo mera aparência, imitação da vida, não ofereceria um esteio seguro para o projeto de sua criação⁶. Esta questão retomaremos tentando demonstrar o quanto, contraditoriamente, Freud se deixa seduzir pela promessa científica sem, no entanto, abandonar aquilo que, em uma análise mais apurada, mostra-se mais que um simples flerte com as questões de ordem estética.

Se nos referimos a um paradigma estético, é tão somente, na perspectiva de problematizar o esteio das grandes verdades, plenas de histórias que buscam a realidade em si dos acontecimentos, fixando-se no discurso da identidade e na crença nas “verdades naturais”. A questão fundamental que se apresenta neste contexto não é a de discutir, como já dissemos, com um olhar epistemológico-legislador o estatuto de cientificidade da psicanálise, mas, tão somente, diante de um panorama, analisar as diferenças que se impõem ao operarmos desde um paradigma científico ou estético com os saberes da psicanálise⁷.

⁶ Esta preocupação de Freud fica muito clara em vários momentos de sua obra. Mas esta posição particular em relação à visão de mundo científica e acerca da estética pode ser aclarada na conferência XXXV das “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise” (1933[1932]). A estética para Freud, suposta como mera “imitação da vida” demonstra uma noção platônica segundo a qual a arte fica delegada ao mero terreno da aparência, não oferecendo uma via para o conhecimento verdadeiro, só possível pela via da razão conceitual.

⁷ Aqui, acreditamos ser bastante elucidativa à questão proposta, a argumentação seguinte: “se agora nos voltamos para uma disciplina como a psicanálise, que pretendeu afirmar-se como científica, penso que fica cada vez mais claro que ela só tem a ganhar colocando-se sob a égide desse novo tipo de paradigma estético processual. É por essa via que ela poderá reconquistar a criatividade de seus anos loucos do começo do século. A psicanálise, dependendo dos dispositivos, procedimentos e referências renovados e abertos à mudança, tem vocação para engendrar uma subjetividade que escapa às modelizações adaptativas e está apta para se agenciar com as singularidades e as mutações de nossa época.” (GUATTARI *apud* MARIGUELA, 1995, p. 10-11)

Quanto à questão de um paradigma estético, como alternativa ao paradigma de cientificidade dominante, nos fala Guattari (1993) que este, como alternativa ao paradigma científico, implica um “paradigma de criação” que consiste em instaurar “focos parciais de subjetivação”. A idéia de paradigma é utilizada neste sentido para referir um “universo de referência”, em cuja produção demonstra-se uma dimensão estética, como também ética, que “subverte a pseudounidade do mundo de valores capitalísticos, uma vez que abre a possibilidade de recuperar a pluralidade, a multiplicidade do mundo” (GUATTARI, 1993, p. 30). O autor ainda salienta que a dimensão ética somente é possível pelo reconhecimento da alteridade, questão fundamental a ser retomada, e que implica uma compreensão da psicanálise como uma “produção de sentido, a partir de elementos de ruptura de sentido” (GUATTARI, 1993, p. 32). Esta produção de sentido pressupõe a fundação de um intérprete, que possibilita o uso da transferência como processo fundamental da clínica psicanalítica. A transferência, enquanto fenômeno clínico, acaba por criar um espaço singular, não só terapêutico, mas também na forma de investigação e produção de conhecimento em psicanálise. Este laço que se estabelece e adquire importância fundamental na psicanálise talvez nos evidencie a principal problemática da psicanálise com o objeto das ciências.

Transferência e interpretação

Sob a égide da transferência, a experiência psicanalítica acaba por nos conduzir de maneira a podermos pensar que toda a verdade, tudo aquilo que advém desse processo, esbarra na efígie de algo sempre inacabado. “O estabelecimento desse vínculo afetivo intenso é automático, incontornável e independente de todo contexto de realidade.” (CHEMAMA, 1995, p. 217). Uma experiência singular, na qual a transferência autoriza e conduz a novas configurações, novas construções da realidade.

Fora da situação da análise, o fenômeno de transferência é constante, onipresente nas relações, sejam elas profissionais, hierárquicas, amorosas, etc. Neste caso, a diferença com aquilo que ocorre em uma análise está em que os dois parceiros estão presos, cada um por seu lado, a sua própria transferência, da qual, com muita frequência, não têm consciência; motivo pelo qual não é organizado **o lugar de um intérprete**, tal como encarnado pelo analista, na situação de um tratamento analítico⁸. (CHEMAMA, 1995, p. 217)

⁸ Grifo meu.

O lugar de um intérprete inaugurado pelo laço transferencial é, provavelmente, uma diferença que coloca Freud numa posição de desconformidade para com os métodos de produção de conhecimento e as técnicas interpretativas clássicas. A “experiência” analítica funda uma relação distinta do método empírico. Primeiramente porque o objeto de sua análise não se encontra passivo para a observação do cientista em sua neutralidade. Ele fala, e seu endereçamento ao analista coloca em xeque, pela via da transferência, qualquer idéia de neutralidade, como também, pela via da interpretação, a concepção de uma ciência feita sem pressupostos, marca de sua pretensa objetividade. Contudo,

a publicação de extensos casos clínicos por Freud, nos quais se descrevia a elucidação metapsicológica dos sintomas, visava precisamente atender à exigência de verificação formulada pelo discurso científico. A experiência psicanalítica foi transformada no laboratório de verificação científica dos enunciados metapsicológicos da psicanálise. (BIRMAN, 2003, p.52)

A experiência psicanalítica porém, pelo viés da transferência, pode nos oferecer uma outra perspectiva. Naffah Neto (1994) procura descrever essa produção de transferência a partir de uma concepção que a compreende como interpretações passadas que jazem no presente, invadindo-o. Esse deslocamento de um código, que se atualiza do passado no presente, traz em seu movimento um elemento de repetição, muda e passiva que, ao passar novamente pela palavra, inicia um processo transmutador. Para tanto, há que se criar um sem-número de vozes para sustentar a multiplicidade de sentidos que em uma transferência emergem, recriando-se a todo instante ante os movimentos das forças singulares de cada analisando. Um analista, ao interpretar, nesse sentido, precisa estar disposto ao jogo da criação, da invenção de práticas que nunca são dadas de antemão, na medida em que não existem verdades antecipadas, esperando para serem descobertas, o que pede por uma postura singular para cada acontecimento.

Podemos pensar, dessa forma, que a transferência possibilita um processo em que um intérprete é animado não somente para interpretar e, principalmente, para interpretar interpretações. Esse código (interpretação), que se atualiza, é também reanimado enquanto metáfora, na qual a dimensão daquele que “escuta” desloca-se do lugar do cientista-descobridor para o do intérprete-criador. Essa criação é completamente descentrada de uma autoria, de um lugar de saber, pois se produz na tensão entre as subjetividades em questão. E é justamente a partir desta interpretação que a transferência anima, que tomaremos a via de discussão de uma psicanálise estética.

A análise da interpretação, nesse contexto, e a escolha por trabalhar neste momento com Michel Foucault em seu livro *Nietzsche, Freud e Marx* (1997), parece-nos uma via para se pensar as aproximações entre psicanálise e estética, sobretudo, a possibilidade de aproximar de Freud um autor que, em nosso entendimento, pode colaborar com seu pensamento de forma decisiva em nossos objetivos, a dizer, o pensamento de Nietzsche. Foucault começa por nos falar das diversas formas interpretativas que operam por semelhança (seja num sentido de lateralidade, do semelhante ao semelhante- cognitivo- ou de profundidade, do superficial ao mais profundo- divinativo), e que dominaram a era clássica e a ruptura que “estes mestres da suspeita” (Nietzsche, Freud e Marx) provocaram à análise dos símbolos: “... os símbolos escalonaram-se num espaço mais diferenciado, partindo de uma dimensão que poderíamos qualificar de profundidade, sempre que não a considerássemos como interioridade, antes pelo contrário, exterioridade.” (FOUCAULT, 1997, p.18)

Essa compreensão de profundidade como ruga da superfície, como revés da profundidade clássica, acabou por remeter os símbolos a uma rede inesgotável e infinita em que qualquer aproximação de um ponto absoluto pode significar o seu termo, o seu ponto de ruptura, como também o fim do intérprete. É, nesse sentido, que se introduz a problemática crucial da dinâmica da transferência, ora esquivando-se desse ponto absoluto, ora permitindo a possibilidade derradeira:

E depois através do estudo da transferência, vemos como se afirma a impossibilidade de análise pelo caráter infinito e infinitamente problemático que tem a relação entre o analisado e o analista, relação que é evidentemente fundamental para a psicanálise, e que abre o espaço em que não deixa de deslocar-se sem chegar a acabar nunca. (...) também em Nietzsche está claro que a interpretação permanece sem acabar. (FOUCAULT, 1997, p. 21)

Foucault nos fala da experiência da loucura, com a qual tanto Freud quanto Nietzsche debateram-se durante a vida com angústia extrema, como uma sanção a esse movimento de interpretação que se aproxima de seu centro absoluto, pois,

(...) se a interpretação não pode nunca acabar, isto quer dizer simplesmente significar que não há nada a interpretar. Não há nada absolutamente primário a interpretar, porque no fundo já tudo é interpretação, cada símbolo é em si mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas a interpretação de outros

símbolos.(...) de fato, a interpretação não aclara uma matéria que com o fim de ser interpretada se oferece passivamente; **ela necessita apoderar-se, e violentamente, de uma interpretação que já está ali, que deve trucidar, revolver e romper a golpes de martelo**⁹. (FOUCAULT, 1997, p. 22-23)

O autor nos fala, assim, que Freud não interpreta símbolos mas interpretações: “com efeito, porque sob sintomas, que é que descobre Freud: não descobre, como é vulgar dizer-se, ‘traumatismos’, antes rouba à luz do dia fantasmas, com sua carga de angústia, ou seja, um emaranhado cujo ser próprio é fundamentalmente uma interpretação” (FOUCAULT, 1997, p. 23). Nessa perspectiva, Freud não se encontra com o ‘trauma real’, mas com a fantasia sobre o trauma, o que nos permite pensar em uma interpretação que já está ali, à espera para ser desconstruída pelo intérprete¹⁰.

Quando Nietzsche postula que não há um significado original, bem como que as palavras são sempre interpretações cuja invenção é sempre produzida, e, ao invés de indicar um significado impõem uma interpretação, indica-nos também, na interpretação de Foucault, que “o intérprete é o verídico; é o ‘verdadeiro’ não porque se adorna duma verdade adormecida que apregoa a vozes, mas que pronuncia a interpretação que toda a verdade tem como função recobrir”(FOUCAULT, 1997, p. 25). Sob tal perspectiva, o que Freud, Nietzsche e Marx inauguram é um tempo da interpretação, tempo em oposição ao dos símbolos e ao da dialética que, apesar de tudo, mantém um caráter linear, em oposição à circularidade da interpretação. A crença de que existem símbolos primários, originais, assim como a aposta na sua ‘realidade’ podem, dessa maneira, ser pensados como a morte da interpretação, cuja vida está justamente em crer que não há mais que interpretações.

A idéia de um tempo da interpretação em detrimento dos símbolos, das representações, pressupõe também uma outra relação com a verdade. Na medida em que apontamos para uma psicanálise estética, nosso intuito, além de questionar o projeto epistêmico do sujeito das ciências, é de igualmente questionar este lugar da verdade natural e imutável que o paradigma científico adota como critério de toda experiência válida.

⁹ Grifo meu.

¹⁰ Questão que nos remete ao próprio termo “análise”, como analogia ao método da química, em que o processo é eminentemente “desconstrutivo”: “mas para isso é preciso decodificar o sintoma, desmontar o código que sustenta a máscara, para deixar patente que ele foi, produzido por um acidente, uma casualidade, quiçá uma fraqueza humana. Então, a representação aprisionante desmorona, libertando as forças cativas para um novo devir.” (NAFFAH NETO, § 27, 1994.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão acerca de um paradigma estético na psicanálise é necessariamente uma tarefa que se deve indagar constantemente, entrar pelos meios das interpretações, impor significações e reanimar emergências. A experiência psicanalítica revela-nos a possibilidade de romper com os sentidos essenciais, com os princípios individuais na pretensão de constituir a idéia de um sujeito pleno e autocentrado.

Constatamos o quanto alguns conceitos fundamentais da teoria psicanalítica acabam por apresentar elementos que questionam essa crença na verdade idealizada pela ciência. Produzir tais apontamentos significa, nesse momento, provocar o início de uma discussão que, esperamos, possa não apenas relacionar esses elementos paradoxais que se produzem entre a psicanálise e a ciência, como também, ao se pensar uma “psicanálise estética”, propor possibilidades de uma escuta do múltiplo e do parcial, de outros registros não tão modelizados, que possam ampliar os horizontes de uma clínica. Nesse sentido, não se trata de contrapor a ciência com uma outra visão de mundo totalizante, mas de, justamente, propor uma dimensão ética em que a singularidade seja o principal foco em questão, sobretudo naquilo que dela possa advir como criação e invenção de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. *Freud e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHEMAMA, R. (Org.). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, J. F. *Psicanálise e moral: uma questão de vergonha*. São Paulo: EDUC, 1989. (Coleção PUC-Pocket).

FIGUEIREDO, L. C. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, M. *Nietzsche, Freud e Marx*. São Paulo: Princípio, 1997.

FREUD, S. O interesse científico da psicanálise: o interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência da estética (1913). *Obras Completas*. v. XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise: XXXV- A questão de uma *weltanschauung* (1933[1932]). *Obras Completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GUATTARI, F. Guattari, o paradigma estético. *Cadernos de Subjetividade*. v.1, n.1, São Paulo, mar/ago, 1993.

_____ ; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARIGUELA, M. *Epistemologia da psicologia*. Piracicaba: Unimep, 1995.

NAFFAH NETO, A. *A psicoterapia em busca de Dionísio: Nietzsche visita Freud*. São Paulo: Escuta/EDUC, 1994.